



LENDO E REFLETINDO ¹

ELEMENTOS DE CONJUNTURA NOS NOVOS TEMPOS

Selvino Heck

Não é fácil, a poucos dias da eleição, (tentar) entender tudo que aconteceu, e projetar o que vem ou pode vir pela frente. Há uma conjuntura subterrânea que ainda precisa ser, ou será com o tempo, desvendada e descoberta. À luz do que se pode ver agora, arrisco algumas considerações iniciais.

A última semana de campanha presidencial de segundo turno vai para a História. As multidões nas ruas, especialmente mulheres e jovens, o debate político, a militância acesa, a esperança em crescimento, marcarão época. Talvez por isso, o choro da derrota tenha sido menos dolorido que o normal.

Na segunda-feira pós eleição, foi possível ver e se emocionar com manifestações lindas de morrer, corajosas e cheias de esperança em muitas escolas, como em Fortaleza, e em colégios



Manifestação #EleNão *contra* o candidato a presidente do Brasil Jair Bolsonaro, em Vitória. ²

particulares de ponta no Rio Grande do Sul, na UNB, com jovens estudantes vestidos de preto, mostrando seu apreço pela democracia, e grandes manifestações populares, apesar da derrota eleitoral. O tempo e a história talvez ainda vão celebrar este tempo de vida e ressurreição. E conversas/encontros/reuniões de todos os tipos, já nos dias seguintes à eleição, reunindo intelectualidade, movimentos, povo da periferia, não só para avaliar o novo quadro e a conjuntura, mas, principalmente, em grande grau de unidade, pensar sobre o que fazer, como manter a luta acesa e defender a democracia.

Nada mais simbólico, e que vai entrar para a história: muitos eleitores levando um livro na mão, mais a carteira de trabalho, no momento de votar em Haddad e Manuela, com imagens que ficarão registradas eternamente.

Aos fatos e análises possíveis neste momento.



Fotos: Cabine de votação e Educadora popular após votação segurando os livros “Fome Zero - Uma História Brasileira” e “A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos”.

¹ - A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficariamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br / Para ler os textos já disponibilizados acesse: <http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/> [OS DESTAQUES - NEGRITO, BOX, COR - E IMAGENS, EM TODO O TEXTO, FORAM INCLuíDOS PELA DIAGRAMAÇÃO DO OLMA]

² - Fonte da imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:EleNãO_Vitória_1.png

³ - Abaixo, recorte de foto do Protesto organizado por estudantes em Porto Alegre (Reprodução/Twitter)





1. PRIMEIRA FALA DO PRESIDENTE ELEITO

A palavra do presidente eleito na noite da vitória é simbólica. É uma espécie de resumo/síntese do que ele pensa, do seu programa de governo, de como vai governar e agir.

Disse ele: “**Não poderíamos mais continuar flertando com comunismo, populismo e com o extremismo de esquerda.**”

‘**Flertar com o comunismo**’: Há uma volta fora de época à Guerra Fria e ao discurso que levou ao golpe militar em 1964 e à ditadura. ‘**O populismo**’: ataque a Getúlio – CLT, criação da Petrobrás e outras empresas públicas; ataque a Juscelino – desenvolvimentismo nacionalista; a Lula e ao PT – direitos para os mais pobres, políticas e programas como o Fome Zero, cisternas, entre outros, protagonismo dos historicamente excluídos, nordestinos, mulheres, jovens, LGBTTs, entre outros; ‘**e com o extremismo de esquerda**’: tudo o que cheira a mudança, movimentos sociais como MST, MTST, partidos como PT, PSOL - movimentos e partidos citados nominalmente depois da eleição para serem combatidos, como terroristas, ou serem extintos -, transformação social, soberania. **São as palavras do ódio, da intolerância, do não saber conviver com o diferente.**

“**Todos nós sabíamos para o Brasil estava indo**”: Para onde mesmo? Isto é, relação soberana e solidária com outros países, articulação com outros continentes, participação social – Conselhos, Conferências, -, diminuição da desigualdade social.

“**O que eu mais quero e, seguindo os ensinamentos de Deus...**”: Estado deixa de ser laico, mas guia-se, acima de tudo, como dizia seu lema de campanha, pelos ensinamentos de Deus, mas qual Deus, e de uma igreja ou religião em especial. E os ateus, os que não professam fé nenhuma, não poucos, e os agnósticos? “**..., ao lado da**

Constituição, ...” : Constituição vem depois de Deus do ponto de vista do governo e do governante, da relação Estado-sociedade. “**...me inspirar em grandes líderes mundiais**”: Possivelmente Donald Trump, que o saudou efusivamente no dia da vitória, talvez Macri, os governantes conservadores e de direita, sinalizando uma nova articulação política internacional.

Venceu ‘o anti’ – antissistema, o antipetismo, o anti direitos humanos, o anti negros/as, LGBTTs, o anti política, o anti democracia -. Não venceu o ‘a favor’, seja do que for, o que explica, em parte, em tempos de grave crise econômica, política, social, de valores, o resultado eleitoral. E determina também os limites do futuro governo, que é apenas anti e não diz claramente a que veio e o que defende. Eleição ganha assim e governo eleito assim terão enormes dificuldades. E, tudo indica, a crise, em todos os sentidos, se aprofundará no próximo período.

*Está começando novo ciclo.
Democracia disfarçada? Ditadura?
Ultraneoliberalismo? Que ciclo será este? Um fascismo à brasileira, em pleno século XXI?*

2. OS CICLOS HISTÓRICOS

A maior parte da história brasileira foram de Colônia, Império e ditadura, ou democracia disfarçada, como tudo indica vai acontecer a partir de janeiro de 2019. Mas houve ou períodos. Por exemplo, a República Velha, Getúlio e a Revolução de Trinta, a democracia de 1945 a 1964, a ditadura de 1964 a 1985, o novo período de democracia, de 1985 até 2018, com a Constituinte, Collor, o neoliberalismo de FHC e os governos populares e desenvolvimentistas de Lula e Dilma.

Está começando novo ciclo. Democracia disfarçada? Ditadura? Ultraneoliberalismo? Que ciclo será este? Um fascismo à brasileira, em pleno século XXI? O próprio candidato, hoje presidente eleito, nebuloso, quase não apareceu, sem partido (seu partido, PSL, tinha 4 deputados federais, e agora terá mais de 50), sem programa, fazendo



campanha na base do ódio, do antipetismo e do anti-sistema, com programa pouco claro em muitas áreas: quem o sustenta, quem mesmo o fez chegar onde chegou, quem o sustentará?

Há muitas dúvidas sobre o que está por trás de Bolsonaro, assim como foi, de alguma forma, em 64. Há, no meio do caminho, as manifestações de junho de 2013. Há o golpe, Temer e Eduardo Cunha e suas tramoias. Há a Lava-Jato, a Polícia Federal, o Poder Judiciário e o STF acovardados, Sérgio Moro indicado/convite aceito ou para o Ministério da Justiça ou para o STF (Escândalo! O rei foi colocado a nu. O Sistema de Justiça mostrou/confirmou sua parcialidade.) Há o estranho acidente de avião e morte de Teori Zavascki. Há Marielle Franco, cujos assassinos não foram e, parece, nunca serão descobertos. Há as dúvidas da facada no então candidato: houve ou não houve, quais as circunstâncias, quem é mesmo o suposto agressor. Há o estranho episódio de policiais paulistas e mineiros em Minas com malas de dinheiro, fato não esclarecido e nebuloso. Há as Fake News e sua matriz e articulação internacional, ainda por serem desvendadas em toda sua extensão.

Muita coisa nebulosa e, tal como na ditadura militar, a participação efetiva dos EUA no golpe foi

descoberta e confirmada décadas depois. Hoje, porém, com as novas mídias e a internet, é mais fácil saber e/ou descobrir. De qualquer maneira, um novo ciclo começa. **Qual seu real alcance e contornos? Durará quanto? Qual a força popular para enfrentá-lo?**

Aparecem alguns dos seus homens fortes. Quem é mesmo e qual o papel do **General Mourão**? Fala em nome de todos militares e Forças Armadas? **Onix Lorenzoni**, até então quase obscuro deputado federal, sem nenhum papel expressivo nem mesmo na história política das últimas décadas no Rio Grande do Sul, e hoje todo poderoso Chefe da Casa Civil, historicamente ligado ao agronegócio e nada mais. O rico, especulador da Bolsa, **Paulo Guedes**, segundo quem o conhece inexpressivo economista, ancorado no ultraneoliberalismo privatista do Estado mínimo e do Mercado absoluto sem sociedade com vez e voz.

Luta de classes a pleno neste novo ciclo histórico, sendo difícil prever seu exato desenvolvimento, **como as classes em luta vão se desdobrar em sua luta por hegemonia, qual o exato custo econômico e social, quais as consequências concretas num projeto civilizatório de um Brasil soberano, de uma Nação.**

3. A QUESTÃO INTERNACIONAL

O quadro internacional tem muito a ver com as eleições brasileiras e seu resultado. Cresce o **conservadorismo internacional**, assim como os perigos, **Trump** à frente. Os **governos democráticos e populares da América Latina** minguaram ou foram derrotados. As articulações dos bons tempos de Lula – **BRICS, CELAC, UNASUL** – perdem espaço e peso. Sobrou apenas um grande líder mundial, progressista, o Papa Francisco, mas também **fortemente questionado** dentro de sua própria Igreja.

A **democracia e a política estão diminuídas** no mundo inteiro. Fala-se até em possibilidade de guerra. A questão dos **refugiados** é tema mundial. O Brasil ainda era um ponto fora da curva, até o golpe e o impeachment de Dilma.



Trabalho do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em RR, com imigrantes venezuelanos e venezuelanas que chegam ao Brasil diariamente.



4. A POLÍTICA, OS PARTIDOS E A DEMOCRACIA

Há uma quase falência da política tradicional, como a conhecemos desde pelo menos o pós Segunda Guerra Mundial. A política está em profundo descrédito, ou foi apanhada pela corrupção. Partidos estão esfacelados no mundo inteiro, embora surjam experiências novas como o PODEMOS espanhol, para citar um exemplo. Tradicionais partidos de esquerda, como o Comunista e socialista Francês, o socialista inglês, mesmo os partidos social-democratas como o alemão, para citar apenas alguns, perderam espaço. China e Rússia são potências econômicas (e nucleares), mas quase sem rosto e identidade políticas.

O presidente brasileiro eleito é militar, amante da ditadura, despreza a democracia em público, não tem partido. Ou o que tem, dele nada se sabe sobre seu programa, sobre o que pensa, não tem prática de governar, tal como o candidato eleito, que nunca foi nada na vida a não ser capitão e inexpressivo deputado federal. Sua diferença de Collor: elegeu governadores, deputados e senadores, mas todos de extrema direita, a grande maioria evangélicos e do tradicional 'toma lá dá cá' e um discurso anti-petista raivoso e despolitizado.

Como irá governar? Com que base de sustentação e com que discurso? Só do anti PT e anti democracia?

Nesta eleição de 2018, partidos tradicionais estão quase desaparecidos ou muito enfraquecidos, sem deputados eleitos, sem força política. Pela ordem. **MDB** esfacelado e carregando Temer nas costas. **PSDB**, onde sobraram João Dória e Eduardo Leite. **PDT**, esfacelado à luz da história trabalhista, e onde sobrou **Ciro Gomes**, que vai de partido em partido e não se posicionou no segundo turno, perdendo oportunidade histórica e perdendo espaço, só preocupado com possível candidatura em 2022.

Neste contexto complexo, surgem novos partidos, não formais, mas existente no cotidiano

da sociedade e agindo como partidos de fato: o sempre existente **partido da grande mídia**, agora crescido, e às vezes em confronto com a mídia tradicional; as **Forças Armadas**, sendo o presidente eleito um militar, alguns de seus nomes fortes, inclusive o vice-presidente, militares de alta patente (**um grupo de generais da reserva vem se reunindo em Brasília, e possivelmente outros da ativa nos quartéis, para planejar o governo e seu espaço e quinhão de poder**); as **igrejas**, especialmente as pentecostais, à frente a Igreja Universal do Reino de Deus.

Há, felizmente, partidos remanescentes e fortalecidos. É o caso do PT, que sobreviveu ao desastre dos demais partidos, e do PSOL, que cresceu muito, com discurso parecido com o PT das origens. E não se pode esquecer o PSB, fragmentado internamente, mas que foi importante sustentação da candidatura Haddad-Manuela no Nordeste e terá importante papel na oposição daqui para frente. Aliás, vale ressaltar a força política do Nordeste e do povo nordestino: é lá que está, neste momento histórico, o novo e o futuro. Além disso, Haddad e Manuela fortaleceram-se como lideranças políticas, junto com seus partidos, PT e PCdoB. E é preciso ressaltar Lula, mesmo que continue preso, o que é o mais provável, mantendo sua capacidade de mobilização e influência.

A democracia brasileira está muito enfraquecida, ou voltando à sua fragilidade histórica/secular enquanto democracia, quando parecia, que, pela primeira vez na história, ela estava consolidada e não mais haveria golpes como o de 2016 e retrocessos profundos ou estruturais.



5. AS NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO

Esta campanha eleitoral, em especial, revelou, tal como já tinha sido na eleição (ainda com muitas suspeitas e situações não ou mal explicadas), **o papel das novas mídias, das redes sociais, do Facebook e, principalmente, do WhatsApp**: seu papel, sua interferência eleitoral, sua capacidade de mobilização em geral, e via **Fake News**. É um universo pouco ou mal conhecido, que relativamente poucos dominam, embora utilizado por milhões e com tudo que representa no cotidiano das pessoas, das famílias e das comunidades, na disseminação de notícias e informações, **e principalmente de valores e de novas formas de relação e comunicação**.

É um verdadeiro e novo poder, engolindo até mesmo as mídias tradicionais, predominantes no século passado, como rádio, jornal e tv. A fala é direta, pessoa a pessoa, disseminando pensamentos, valores, visão de mundo, muitas vezes à base de mentiras, onde **acontece uma guerra simbólica, com as palavras 'Pátria, Família, Deus', por sinal muito semelhantes às usadas no golpe militar de 1964**.

6. OS ATORES E AS FORÇAS POLÍTICAS E SOCIAIS

O grande capital nacional e internacional, especialmente o financeiro, depois de ter perdido espaço nas últimas décadas, voltou a dar as cartas, ligando-se ao agronegócio.

A mídia tradicional, ator político ainda muito forte, especialmente a Rede Globo, **está perdendo terreno** para os grandes conglomerados internacionais, em geral nebulosos, como a **Microsoft** e o império da internet, **Facebook** e **WhatsApp**, e querendo se reposicionar na cena política, social e cultural

Os partidos estão em decadência, no universo da política e da influência social. São conglome-

rados que o poder e suas vantagens a qualquer custo, a maioria sem programa e sem ideologia, a não ser os favores e o 'toma lá, dá cá' ou os poderes e a influência religiosos.

Merece destaque especial **o Poder Judiciário** e o Sistema de Justiça como um todo, que se tornaram partido, desnudados com o convite, aceito, ao juiz Sérgio Moro para ocupar o super Ministério da Justiça e Segurança a partir de janeiro de 2019. Toda a trama de perseguição a Lula, ao PT, aos movimentos sociais será melhor esclarecida com o tempo, a quem prestaram serviço e continência, inclusive em nível internacional.

As igrejas, em especial as pentecostais, através da Igreja Universal do Reino de Deus, com sua Rede Record, entre outras menores, tornaram-se atores políticos relevantes. Assumem posições públicas no campo político, têm fortes redes de comunicação, contam com o apoio de milhões de fiéis, têm políticas de assistência social nas periferias dos grandes centros, e mesmo dos médios e pequenos. A Igreja católica perdeu muito de sua capacidade de influência política, dividida internamente, apesar de contar com um grande líder, o Papa Francisco.

Os movimentos sociais sofrem neste contexto relativo descrédito e enfraquecimento, até pelos processos neoliberais em curso, que não admitem o diálogo, a oposição e o fortalecimento dos direitos dos mais pobres e seu protagonismo político, que tinha crescido nas últimas décadas

As mulheres e a juventude, com suas mobilizações, feitas em geral à base da coragem e da militância, fortaleceram seu protagonismo na sociedade. E tornaram-se contraponto no processo eleitoral e poderão continuar sendo contraponto ante a violência, as políticas conservadoras que devem ser implementadas e aos retrocessos na democracia.



É preciso olhar com mais cuidado as novas formas de organização e mobilização que surgiram e estão surgindo, dentro e fora do processo eleitoral, tais como o Levante da Juventude, do Hip-Hop, acima de partidos, de Centrais Sindicais ou outras formas tradicionais e conhecidas de organização e mobilização. E com as redes sociais jogando um papel fundamental na sua estruturação e seu fazer coletivo.

7. CENÁRIOS POSSÍVEIS/PROVÁVEIS

– sem, necessariamente, ordem de prioridade, bem como um cenário pode dialogar/entrelaçar-se com outro

Cenário 1:

A partir do resultado eleitoral e do(s) novo(s) governo(s) em janeiro de 2019, com o presidente eleito dentro das regras do jogo, portanto com legitimidade eleitoral pelo menos (descontado o Caixa 2 e o uso de Fake News, ainda em investigação e decisão por parte do Poder Judiciário) haverá forte direitização em todos os sentidos, **com corte de direitos, reformas em favor dos mais ricos** – A Reforma da Previdência, entre outras, deverá ser feita ainda em 2018, a independência do Banco Central -, **submissão internacional**, com relações privilegiadas com EUA e governos direitistas do mundo.

O futuro ministro da Fazenda, Paulo Guedes, já anunciou a **irrelevância do MERCOSUL** e outras articulações deste tipo, bem como privatização geral, a venda definitiva do pré-sal e da EMBRAER para o BOEING, como medidas mais imediatas, dentro de um ideário e propostas ultraneoliberais, com todas as suas consequências.

A tensão social deve crescer no cotidiano, com forte, dura e direta repressão e controle dos movimentos sociais e dos que se opõem às políticas e reformas implementadas. O presidente eleito disse que o MST e MTST eram terroristas e sinalizou, de forma explícita, para as direções do PT e PSOL a prisão e ou a fuga para o exterior. O novo governo manterá, ou tentará manter, o controle da

sociedade e da oposição a ferro e fogo, com apoio do grande capital e da maior parte da grande mídia, da maior parte do Sistema Judiciário (Sérgio Moro ministro da Justiça) e da alta classe média. Violência e repressão aos movimentos, às lutas e mobilizações contra jovens, mulheres, LGBTTs, negros e negras, indígenas, quilombolas, população em situação de rua, Universidades, ONGs deverão se intensificar muito. **O governo tentará empurrar esses setores para uma quase clandestinidade, impondo uma quase ditadura, ou uma ditadura de fato e na prática. A violência crescerá muito em todos os níveis e espaços.** Lula continuará preso, tudo indica, dificultando sua capacidade de mobilização.

Por tudo isso, o esforço do presidente eleito e seus aliados, para poder implementar tudo isso, foi de ganhar a eleição no primeiro turno, o que não se realizou e os resultados do segundo turno foram aquém do esperado pelos vencedores, aumentando suas dificuldades e exigindo mais repressão, além da necessidade de implementar suas políticas e propostas o mais rápido possível, já a partir de 2018, contando com o apoio da camarilha do atual presidente golpista.

O governo, mesmo sob muitas pressões de todos os lados, à direita e à esquerda, governará, na base da força e da truculência, e do poder político de seus aliados internos e externos. Sem se esquecer que a crise brasileira atual – econômica, social, política – é muito profunda e de difícil solução, inclusive à luz dos resultados não tão expressivos do presidente vencedor, o que aumentará as tensões de um momento difícil para a sociedade brasileira, para brasileiras e brasileiros, especialmente os mais pobres, as/os trabalhadoras/es e o funcionalismo público em geral.



Cenário 2:

Estabelece-se o (quase) caos político-institucional-político-econômico-social, com violência generalizada, ataque aos Direitos Humanos e seus defensores, crise em todos os sentidos. A sociedade brasileira se levanta, mas não consegue hegemonia, o governo perde o controle relativo, apela para uso extremo das Forças Armadas e das forças policiais, a repressão é brutal e cotidiana, o país torna-se (quase) ingovernável. A violência e a insegurança tornam-se absurdas, o crime organizado começa a tomar conta dos espaços, governo perde o controle.

A democracia se enfraquece ou sucumbe, os pobres e trabalhadores sofrem, as consequências de um (quase) caos são imprevisíveis. É de longe o pior cenário, mas não pode ser descartado (vide o que está acontecendo hoje na Argentina). Caso aconteça este cenário, e não se pode descartá-lo neste momento, levará um tempo, não se sabe quanto, até um lado sair vitorioso ou controlar a situação. Nem se pode saber, num cenário de (quase) caos, qual lado sairá vitorioso.

Cenário 3:

A sociedade civil se organiza, cresce a desobediência civil, governo perde autoridade e não consegue implementar suas políticas ultraneoliberais e governar.

Especialmente, se tentar e conseguir votar e aprovar, ainda em 2018, reformas como a da previdência, mantendo o Teto de Gastos, destruindo ou quase destruindo o SUS, a educação pública, liquidando com as políticas ambientais e agroecológicas – ver a fusão do Ministério da Agricultura com o do Meio Ambiente.

Cresce a tensão social. O embate é na rua e na sociedade. Movimentos sociais e outras instituições, a esquerda com forte unidade, se organizam e começam a preparar o terreno, ou para a queda do governo, que se elegeu ilegitimamente, à base das mentiras, das Fake News, do jogo sujo subterrâneo, ou para voltar a ter crescimento eleitoral nas eleições municipais de 2020 e nas eleições presidenciais de 2022.

É o cenário da vitória dos hoje derrotados eleitoralmente, ou pelo menos do enfrentamento de igual para igual entre sociedade/oposição unida ao governo eleito. Ou terá que recuar em suas políticas, ou será derrotado eleitoralmente em 2020 e 2022, ou mesmo não conseguirá chegar ao seu final.

8. CORRELAÇÃO DE FORÇAS

A esquerda, com grau de unidade maior que em outros tempos, saiu derrotada eleitoralmente, mas manteve um grau razoável de força política, pelo número de votos conquistados, pelas mobilizações na reta final de campanha, especialmente das mulheres, juventude e setores da intelectualidade e da cultura, pelo sentimento de que não foi derrotada definitivamente.

A mídia dividiu-se parcialmente, através das matérias e posicionamento da Folha de São Paulo e vacilações da Rede Globo.

Não será fácil para o governo Bolsonaro implementar suas políticas neste contexto complexo. Por outro lado, o grande capital nacional e internacional, as forças conservadoras tiveram uma vitória importante no maior país da América Latina e um dos mais importantes do mundo, com reflexos internacionais. A direita e a extrema-direita saíram fortalecidas, pelo menos no curto e médio prazos.

O embate político, social e cultural será de enormes proporções nos próximos anos. Difícil saber quem e quando alguém sairá do relativo impasse agora colocado. A direita canta vitória, mas sabe dos riscos e fragilidades. A esquerda não saiu dizimada e pode recuperar-se com o tempo.



9. AS TAREFAS DO PRÓXIMO PERÍODO

Tudo indica que o quadro conjuntural hoje será prolongado. Portanto, é preciso pensar e agir a médio prazo (cinco anos) e longo prazo (mais de dez anos).

- **Constituição de uma Frente Ampla pela Democracia.** Além dos partidos, juntando todos os que queiram se somar: partidos do campo democrático, movimentos sociais sindicais, populares, intelectualidade, Academia, setores da classe média, ONGS, igrejas: defender a democracia e os direitos em todos os níveis – sociais, culturais, humanos. As Frentes, Brasil Popular e Povo Sem Medo, unificadas, construirão os Comitês Populares pela Democracia, com grandes mobilizações na rua e o debate de um Projeto de Brasil. Aí se juntam as Redes como as de Economia Solidária, as ambientais e agroecológicas, de ONGs, as pastorais das diferentes igrejas, o movimento sindical e os movimentos sociais e populares, as organizações de jovens e mulheres, as de Direitos Humanos e todas e todos os amantes da democracia e da liberdade.



- **Estudar novamente e conhecer mais profundamente a estrutura de classes brasileira** e de como ela, de tempos em tempos, mostra sua complexidade e estruturação/constituição secular e historicamente escravocrata, patrimonialista, de profunda desigualdade social e econômica, entreguista e antinacional, anti-participação social e popular, anti-democrática, não republicana. Estudar as falas e valores pregados por seus líderes, como se comunicam com a base popular, como usam os meios de comunicação contemporâneos para difundir seus valores e visão de mundo.

- **Mais Movimento, menos Instituição.** Diminuir o peso da institucionalidade. Mais rua e menos Parlamento e governos (sem desprezar Parlamento, governos e processos eleitorais).
- **Intenso trabalho de base, de formação e politização,** especialmente com as juventudes, as populações de periferia e mulheres, reunindo os Centros de Formação Populares que trabalham com a educação popular freireana e setores das Universidades dispostos a contribuir militantemente na formação política.
- **Apoio e reforço dos novos movimentos sociais,** especialmente os de mulheres e de juventude, com reforço na presença em Conselhos e espaços institucionais e formulação de políticas públicas, que não devem ser abandonados.

- Intensificar atuação via redes sociais, sem deixar as ruas. **Conhecer e dominar o mundo da internet.**
- **Luta em todas as frentes, com desobediência civil.** Denúncia da ilegitimidade do governo, pela forma como se elegeu – via mentiras e Fake News. Organizar a resistência em todos os campos e espaços.

Preparar as eleições de 2020 de forma unificada, com programa comum de diferentes partidos que estiveram unidos no segundo turno da eleição presidencial, sem hegemonismos e sectarismos.

A crise é profunda e a luta será longa e difícil. Mas tal como foi enfrentada a ditadura militar e a redemocratização aconteceu, mais uma vez a democracia haverá de vencer. E 'ninguém solta a mão de ninguém'.

Selvino Heck⁵

Outubro de dois mil e dezoito

⁴ - Desenho que viralizou nas redes sociais após as eleições - da artista e taturadora mineira Thereza Nardelli

⁵ - Deputado estadual constituinte do Rio Grande do Sul (1997-1990). Membro da Coordenação Nacional do Movimento Fé e Política. [Fonte: <https://www.sul21.com.br/colunas/selvino-heck/>]



A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaríamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br

Para ler os textos já enviados acesse: <http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/>